

# O Provérbio Parodiado e o Humor

Márcio Antônio Gatti<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Mestrando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas  
(Unicamp) – Instituto de Estudos da Linguagem  
e –mail: maggatti@ig.com.br

*Abstract: This paper analyses the way how two parodies of a same proverb works with the question of the proverbs functions as a explicit modality of discourse of the other, considering its discursive functioning and the humor effect produced by two parodies, with emphasis in the images which they have of discourse diffused in the proverb.*

*Keywords: proverb; parodied proverb; pretence.*

*Resumo: Este artigo analisa o modo como duas paródias de um mesmo provérbio trabalham com a questão de os provérbios funcionarem como uma modalidade explícita de discurso do Outro, considerando seu funcionamento discursivo e o efeito de humor produzido pelas duas paródias, com ênfase na imagem que elas fazem do discurso veiculado no provérbio.*

*Palavras-chave: provérbio; provérbio parodiado; simulacro.*

## 1. Características dos provérbios e dos provérbios parodiados

A enunciação proverbial tem sido objeto de estudo já há algum tempo pela Linguística moderna. Alguns autores, como Greimas (1975) e Rocha (1995), já se debruçaram sobre esse tipo de enunciado, com bastante sucesso. Mas é uma outra modalidade de enunciação que, de certa maneira envolve os provérbios, que nos interessa nesse trabalho: a de um enunciado que denominaremos aqui de *provérbio parodiado*.

Uma das principais características dos provérbios é que eles têm a capacidade de “encerrar uma mensagem admoestadora ou conselho” (Steinberg *apud* Rocha, 1995: 11) numa estrutura significativa curta. Isso se deve ao fato de que quase sempre os provérbios são enunciados metafóricos, servindo como conselho em diversas situações de enunciação.

Em relação à estrutura do provérbio, uma das melhores definições é a de Rocha:

*formalmente é um verso ou quase verso, apresentando muitas vezes rima, assonância, metáforas, estrutura geralmente bimembre, elipse etc. (ibid.).*

Outra característica que tal autora ainda observa é que o provérbio constitui uma boa modalidade de discurso do Outro, pois são frases cristalizadas que sempre remetem a um outro que as disse anteriormente, seja de maneira direta, isto é, pela ação do locutor ao dizer expressões do tipo *como dizia minha avó*, ou por sua própria estrutura, que faz

lembrar ao interlocutor (por meio de seu repertório proverbial) que aquilo que está sendo dito é um provérbio.

Pretendemos demonstrar, nesse trabalho, que nosso objeto de estudo lida justamente com esse estatuto da alteridade do provérbio. Os provérbios parodiados<sup>1</sup> que analisaremos aqui são paródias do provérbio *quem dá aos pobres empresta a Deus* (1): *quem dá aos pobres paga o motel* (2) e *quem dá aos pobres empresta, adeus!* (3).

Normalmente, as modificações feitas no provérbio pelos provérbios parodiados (PPs) são mínimas. O que ocorre com frequência é a substituição de uma das partes (geralmente a segunda) da estrutura bimembre por outra. De fato, as mínimas modificações têm um propósito: nos PPs “há um ingrediente novo: algo que não é provérbio é enunciado como se o fosse. É enunciado utilizando-se a forma do provérbio, mas revelando um discurso menos público, e que por isso funciona como um discurso contra-ideológico” (Possenti, 2002: 71), ou seja, quanto mais o provérbio parodiado se parecer com o provérbio original, maior será seu êxito, em termos humorísticos. O que vai nos interessar nesse trabalho, portanto, é analisar como se dá a produção de humor e que efeitos de significação ela provoca.

Com efeito um dos pontos fundamentais para a obtenção do humor nos PPs é o que Grésillon e Maingueneau (1984) e Maingueneau (2002) denominaram *subversão*, parte de um processo mais abrangente, denominado por eles de “desvio” (*detournement*). Tal processo consiste em imitar um provérbio conhecido para tirar proveito de sua estabilidade semântica. O processo de subversão, como o próprio nome diz, subverte a significação do provérbio original, de modo que constitua uma nova e paródica significação, desqualificando, assim o texto imitado (ver Maingueneau, 2002: 173). Nos nossos PPs, a subversão funciona para o fim de obter humor, já que se apresentam normalmente como listas de frases que circulam pela Internet e que pretendem “corrigir velhos ditados”.

Nos exemplos que estamos analisando aqui há ao menos três razões relevantes para a obtenção do humor: o processo de desvio – como um processo semântico fundamental para a obtenção do novo enunciado –, a veiculação de um tema-tabu em (2) (*paga o motel*) e a questão da visão religiosa da pobreza/solidariedade *versus* o que é dito sobre o mesmo assunto em (3).

De fato, aqui, o processo de desvio da significação esperada tem papel fundamental para a obtenção do riso, pois é através desse desvio que há a possibilidade da significação nova, que é paródica, e um dos efeitos produzidos pelo desvio é fazer com que possamos identificar o Outro no novo enunciado (por uma série de motivos: estrutura fixa, memória discursiva, como os PPs se apresentam nas listas, etc.), o que colabora com a obtenção do humor.

Há ainda um outro fator a ser explorado na caracterização dos PPs, que é a heterogeneidade enunciativa (ver Authier-Revuz, 1990). Dissemos acima que o provérbio constitui uma modalidade de discurso do Outro. De fato, “na língua falada, os provérbios e ditados se distinguem do conjunto da cadeia pela mudança de entonação. Tem-se a impressão de que o locutor abandona voluntariamente sua voz, tomando uma outra de empréstimo a fim de proferir um segmento de fala que não lhe pertence propriamente e que ele está unicamente citando” Greimas (1975: 288), essa ruptura na cadeia significante revela que a alteridade está presente, ou seja, ela é um índice de que há uma outra voz, um Outro “falando” através da voz do enunciador do texto. Essa alteridade pode ser revelada também pela presença de enunciados, como, por exemplo *como dizia minha avó* ou *como diz o velho ditado*, precedendo a enunciação dos

provérbios. Dessa maneira a inserção de um provérbio numa enunciação constitui uma heterogeneidade mostrada, porque ele se distingue por alguns fatores do resto da cadeia significante.

Já os PPs são reveladores de heterogeneidade enunciativa em sua própria estrutura, pois são dotados tanto de um discurso Mesmo (o novo do provérbio parodiado), como de um caminho para lembrar um discurso Outro, conseguido pela manutenção de parte da estrutura do provérbio original. Os PPs são heterogêneos, portanto, por natureza, e devem ser analisados enquanto espaço de relações interdiscursivas.

## 2. Humor e provérbios parodiados

O que nos chama a atenção em ambos os PPs é a disparidade temática presente entre os dois exemplos e o provérbio original. Há, portanto, um grande distanciamento de (1) (ao mesmo tempo em que ele subsiste, permanece como norteador do efeito humorístico) em termos discursivos. Em (2) (*quem dá aos pobres paga o motel*), por exemplo, o tema do novo enunciado é o sexo, que, como dissemos acima, em certas circunstâncias é um tabu social, pois dificilmente é encarado liberalmente pela sociedade, ou seja, em muitos contextos não é um tema tratado abertamente. O fato de um enunciado revelador de um discurso humorístico que tem como tema principal o sexo, fundando-se ou compondo-se a partir de um provérbio de origem religiosa (cf. Magalhães Júnior 1977: 269), traz um elemento relevante para o efeito de humor, pois, tanto a igreja quanto a sociedade não abordam a sexualidade da maneira que tal provérbio parodiado aborda.

Sabemos que o catolicismo (religião predominante no Brasil) tem uma posição conservadora firme em relação ao sexo, tanto que o voto de castidade e o celibato são fundamentos que existem há séculos para os religiosos da Igreja Católica – e continua existindo –, assim como mantém sua posição em relação à sexualidade dos fiéis, considerada apenas em termos de procriação da espécie humana.

Essa posição conservadora da igreja não combina, pois, com a visão veiculada por (2). Portanto, ao tratar do tema sexo, (2) não significa somente fazer humor com um tema bastante recorrente (é sabido que o sexo é um dos temas mais férteis para o humor, que há, por exemplo, um enorme número de piadas sobre o tema circulando na sociedade brasileira), mas também há um embate de sentidos, que só mesmo uma “convivência” de discursos distintos no mesmo enunciado pode causar.

Ao enunciar (2), além da produção de humor, existe um fator importante a ser ressaltado, que é a desestabilização do estatuto de verdade universal que é o provérbio. Sabemos que o provérbio representa o que é comumente denominado de sabedoria das nações, sabedoria dos povos, etc. Com efeito, o provérbio pode ser caracterizado como *vox populi*, e sua estrutura significante é altamente estável e facilmente acessível ao locutor e ao interlocutor. Uma das faculdades do provérbio parodiado é causar uma quebra na estabilidade proverbial, embora sua existência seja paradoxal, pois ao mesmo tempo em que desestabiliza, depende do Outro para significar.

A crueza com que o PP fala desse tema nos faz pensar justamente no que é antagônico a ela, a essa significação sem rodeios, ou seja, na maneira como a sociedade e também a igreja tratam do tema “rodeando” (ou mesmo proibindo), nunca de maneira incisiva, mesmo porque se trata de um tabu. Obviamente, não estamos querendo dizer que (2) faz o que a sociedade não faz, isto é, tratar do assunto incisivamente; pelo

contrário, há aqui apenas uma abordagem mais direta sobre o assunto, o que por si só, em outros textos já é passível de produção de humor, mesmo porque, embora de maneira velada, é uma abordagem compartilhada socialmente.

No entanto, temos que considerar que o tema é abordado. Há no enunciado uma significação relativa a sexo dada pela sua superfície lingüística que é a seguinte: a versão original (1), *quem dá aos pobres, empresta a Deus*, que encerra um conselho que diz que ao se doar alguma coisa a uma pessoa de poder aquisitivo baixo, se estaria estabelecendo uma relação de empréstimo com Deus, o que, de acordo com a origem religiosa do provérbio, seria uma boa troca, perde seu sentido com a substituição do sintagma *empresta a Deus* por *paga o motel*. Com isso, também o que se altera e faz com que o significado da frase se torne outro é o sentido do verbo dar. É sabido que o sentido do verbo *dar*, em linguagem corrente, está ligado a sexo e à mulher, ou seja, nesse contexto (sexual), quando uma mulher tem relação sexual com alguém, diz-se que ela “dá” para esse alguém. Portanto, na versão parodiada, o significado do verbo *dar* é que a mulher tem relação sexual com alguém, enquanto na versão original é de *doar*. Ou seja, na nova versão, com a mudança de sentido do verbo *dar*, o significado se altera para algo semelhante a: a mulher que tiver relação sexual com uma pessoa pobre deverá pagar a conta do motel.

Indo um pouco além dessa interpretação superficial, podemos notar que a enunciação de (2) pode funcionar como escape de uma proibição social (o sexo como tabu), mas também como veiculadora de uma certa visão popular da sexualidade. Num dos aspectos, (2) pode ser considerado como um enunciado subversivo (e de fato o é), como vimos acima: opera-se uma subversão quando há uma tentativa de desqualificação do enunciado que se quer imitar. Por outro lado, serve ao mesmo mecanismo de estabilização da alteridade discursiva a que a enunciação de (1) serve, obviamente de outra maneira, ou seja, veiculando uma idéia fortemente ligada ao senso comum sobre o sexo: quando a mulher pratica sexo, diz-se que ela “dá” para o homem.

De fato, esse discurso deturpador da imagem sexual da mulher é corrente em textos humorísticos. É o que acontece, por exemplo, em piadas sobre loiras, nas quais se ressalta sua “burrice”, ou seja, a sua falta de inteligência, mas também, e frequentemente, uma possível promiscuidade e uma disponibilidade sexual (fator que, no âmbito dessa categoria de piada, por vezes traz algum tipo de favorecimento profissional) (ver Possenti, 2002: 165,166).

Entre (2) e (3) (*quem dá aos pobres empresta, adeus!*), embora surgidos do mesmo provérbio, há uma diferença temática fundamental. Enquanto (2) reporta-se a um certo discurso sexual para subverter a significação de (1), utilizando uma idéia corrente nos discursos humorísticos, como vimos acima, sobre as relações sexuais entre homens e mulheres, em (3) há uma certa aproximação do próprio sentido de 1, para depois subvertê-lo.

Sabemos que a idéia principal de (1) é a vinculação a Deus da doação (mencionada no provérbio) feita aos indivíduos menos abastados financeiramente, ou seja, o ato de doar aos pobres faria com que Deus contraísse uma dívida com o doador, o que faz com que o empréstimo, no âmbito do discurso religioso no qual (1) se insere seja algo interessante.

Em (3) opera-se a subversão de sentido na tentativa de deturpação tanto de uma visão positiva em relação à hipotética doação feita aos pobres, quanto da relação entre o doador e Deus conforme (1). Embora com mínimas modificações na estrutura

significante do provérbio<sup>2</sup>, a significação de (1) e de (3), assim como a de (3) e (2), é bastante distinta.

Uma das principais diferenças entre (2) e (3) é a manutenção da significação do verbo *dar* de (1) em (3). Enquanto que em (2) há subversão de sentido do provérbio partindo de um possível duplo sentido do verbo *dar*, em que há aproveitamento do sentido ligado a uma questão sexual feminina, (3) mantém a significação do verbo *dar* introduzida por (1). No entanto, obviamente, não é por isso que não haveria mudança de significação. Como dissemos, há homofonia entre (3) e (1), mas o primeiro caracteriza-se como subversão do segundo, pois traz uma deturpação da sua mensagem, o que, obviamente, não é fruto da manutenção da significação do verbo *dar*.

De acordo com (3), doar algo a uma pessoa pobre, que não possua recursos financeiros, é um ato de empréstimo, como em (1). A diferença é que a dívida não é mais assumida por Deus, que não figura no novo “provérbio”, a dívida passa a ser do próprio receptor, ou seja, é o próprio pobre que contrai a dívida. Portanto, o pagamento não seria mais feito por Deus, não existe mais uma relação de dívida entre o doador e Deus. Por ser uma dívida contraída pelo receptor da doação (os pobres) é ele quem deveria pagá-la. No entanto, não é isso que ocorre, segundo (3). É o que se depreende da estrutura *dá...empresta, adeus*. Há uma diferença entre o significado de (1) e de (3) já no que diz respeito ao ato de dar: em (1) o receptor recebe uma doação e esse é seu único papel, em (3) não é isso que ocorre, o fato é que o doador estaria “dando emprestado”, ou seja, está emprestando e não de fato dando. Um resumo da interpretação superficial desse enunciado seria algo como: no ato de dar algo a uma pessoa pobre, está se emprestando, mas seria um empréstimo sem devolução ou sem pagamento. O uso da interjeição *adeus* é que proporciona tal interpretação: *adeus* funciona como despedida do que é emprestado ao doador.

Portanto, o tema central abordado em (3) é a impossibilidade que os pobres têm de pagar um empréstimo. Note-se que há uma generalização do indivíduo pobre como “mau pagador”. Não é de um indivíduo que se está falando nessa nova versão proverbial, assim como não é de um sujeito pobre específico que se está falando em (1), mas dos pobres como um todo, como uma categoria, uma classe social. Na visão desse provérbio parodiado, toda essa classe não teria como pagar um empréstimo.

Primeiramente, em termos de subversão de sentido, (3) funciona muito bem, pois deturpa todo o sentido de (1), que veicula uma religiosidade e um fundamento: é necessário ajudar aos pobres. Toda a idéia da solidariedade cristã parece pautada no que (1) estabelece: aquele que doa aos pobres está próximo de Deus (*empresta a Deus*). De fato, ser solidário é uma das principais características do catolicismo atualmente. Ser solidário seria, pois, seguir uma regra da religião.

O que (3) faz é deturpar a ligação a esse pressuposto religioso, dizendo que certamente, ao ser solidário, o sujeito jamais terá o que deu (ou emprestou) de volta. Esse é um dos aspectos relevantes a serem ressaltados para uma interpretação mais detalhada de tal exemplo de provérbio parodiado, já que ao deturpar o sentido de (1), o enunciado (3) relaciona-se interdiscursivamente com ele, pois contém toda uma discursividade anterior a ele sobre a visão religiosa da doação para poder subvertê-la com um discurso “novo” sobre esse mesmo tema. Há ainda um outro aspecto bastante relevante que não deve ser deixado de lado, que é a imagem que se faz do pobre em (3). Pelo que dissemos acima, parece-nos claro que podemos afirmar que o enunciado paródico veicula um estereótipo dos indivíduos pobres, que é o estereótipo de que eles

não têm como pagar um empréstimo. No âmbito do PP, esse seria um traço do pobre a ser ressaltado.

Freud, em *Os Chistes e sua relação com o inconsciente* (1977), faz uma categorização dos chistes em inocentes e tendenciosos e diz o seguinte:

*Um chiste não tendencioso dificilmente merece a súbita explosão de riso que torna os chistes tendenciosos assim irresistíveis. Já que ambos os tipos podem ter a mesma técnica, podemos suspeitar de que os chistes tendenciosos, em virtude de seu propósito, devem ter fontes de prazer disponíveis, às quais os chistes inocentes não teriam acesso.*

*Os propósitos dos chistes podem facilmente ser passados em revista. Onde um chiste não tem objetivo em si mesmo – isto é, onde não é um chiste inocente – pode servir a apenas dois propósitos, que podem ser subsumidos sob um único rótulo. Ou será um chiste ‘hostil’ (servindo ao propósito de agressividade, sátira ou defesa) ou um chiste ‘obsceno’ (servindo ao propósito de desnudamento). (1977:116)*

Bergson, em *O Riso* (1983), caracteriza o riso como uma espécie de reprovação social:

*O riso é essa própria correção. O riso é certo gesto social, que resalta e reprime certo desvio especial dos homens e dos acontecimentos. (1983: 50)*

*É cômico quem siga automaticamente o seu caminho sem se preocupar em fazer contato com outros. O riso ocorre no caso para corrigir o desvio e tirar a pessoa do seu sonho. (id: 72)*

No trecho de Freud acima transcrito, o que vale ressaltar não é somente a diferenciação feita entre chistes tendenciosos e inocentes, mas também o fato de o chiste tendencioso ser, como o autor mesmo diz, irresistível em termos de riso. Portanto, há uma certa atração pelo que é tendencioso, ao que é *hostil* ou *obsceno*. O humor que serve a um propósito de hostilidade ou de obscenidade funciona, então, melhor que um outro que não serve a esse propósito. O riso fácil, irresistível, está atrelado ao prazer que a hostilidade e a obscenidade produzem. Isso aproxima os pensamentos de Freud e de Bergson, pois, para um chiste (ou um outro texto humorístico) funcionar como tendencioso, servindo ao propósito específico da hostilidade, é necessário que se resalte uma característica, ou pseudocaracterística, de uma pessoa, de um povo, de uma classe social, de uma categoria, etc., que seja considerada condenável<sup>3</sup>. Dessa maneira, o riso funcionaria, como nos diz Bergson, como correção desse “desvio” considerado condenável.

Notadamente o enunciado (3) serve a esse propósito da hostilidade, pois resalta uma característica (como vimos, a idéia de que o pobre não consegue pagar um empréstimo), que provavelmente, como em outros casos, pode ser falsa, e a toma como verdadeira para servir ao propósito específico do riso, ou seja resalta-se uma visão que se tem do indivíduo pobre para que sirva a uma espécie de rebaixamento de uma classe social (*pobres*). De fato o que nos interessa é observar as relações interdiscursivas que se estabelecem na enunciação de (3), principalmente em relação às perspectivas sobre a doação, tanto no discurso de (1) quanto no de (3). Partindo desse pressuposto de que o riso serve como uma reprovação social, tentaremos demonstrar o funcionamento discursivo do enunciado.

Descrevemos o provérbio parodiado como um enunciado heterogêneo, pois nele estão presentes tanto a voz de um Outro enunciador (a *vox populi* do provérbio original) quanto a voz de um novo enunciador, que é aquela que produz o novo significado do provérbio e os sentidos de ambos os textos são divergentes. Trata-se de uma relação interdiscursiva, já que há um contato explícito de discursos funcionando no mesmo enunciado.

O “novo provérbio” toma emprestado um trecho do provérbio original, e por isso não exclui a permanência do Outro em sua significação. O fato de não excluí-lo não interfere numa reinterpretação. Na verdade, é isso o que ocorre. Maingueneau faz a seguinte afirmação acerca da possibilidade de tentativa de compreensão por parte de um discurso dos enunciados de outros discursos:

*A cada posição discursiva se associa um dispositivo que a faz interpretar os enunciados de seu Outro traduzindo-os nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema. Em outras palavras, esses enunciados do Outro só são “compreendidos” no interior do fechamento semântico do intérprete; para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que constrói dele. (2005: 103)*

Ao ressignificar (1), o enunciado (3) constrói um ponto de vista, acerca da pobreza e da restituição de empréstimos, que é seu, mas que vem em contraposição à idéia veiculada em (1). É, pois, uma construção de um simulacro do discurso Outro. Ao enunciar (3), constrói-se, a partir de um *fechamento semântico*, a visão deturpada da tese de (1). A partir desse fechamento semântico é que se consegue um tipo específico de simulacro, muito recorrente em textos humorísticos, que é o estereótipo: a partir de uma idéia que se tem dos indivíduos pobres, constrói-se uma característica geral, ressaltada em (3), para toda essa classe social e que vai ser muito útil para a produção do humor.

A visão de que os pobres não podem pagar o empréstimo e o apagamento da figura de Deus (aquele que pagaria o empréstimo ao doador) colabora para a deturpação do que é dito em (1). O discurso de (3) expõe um fato novo, que não é cogitado no provérbio original, no discurso Outro: a possibilidade de um não pagamento ao empréstimo. Tal possibilidade de significação só é possível por uma inversão do verbo *dar*: em (3), dar aos pobres = emprestar aos pobres; em (1), dar aos pobres = emprestar a Deus. O fato de o discurso de (3) tratar o ato da doação a uma pessoa como empréstimo à mesma pessoa é uma maneira de ressaltar o traço não previsto em (1).

Toda a inversão feita em (3) funciona como item de reinterpretação do ato de doar ao pobre. Nessa reinterpretação, (3) se fecha no seu sistema semântico incompatível ao de (1) (ver Maingueneau, 2005:112) para apresentar uma visão da doação ao pobre que é um simulacro da visão religiosa, mesmo porque ressalta um traço não cogitado em (1).

Utilizando a hipótese de Maingueneau de que “o caráter constitutivo da relação interdiscursiva faz aparecer a interação semântica entre os discursos como um processo de tradução, de *interincompreensão* regrada” (id.: 22), (3) só poderia ver como traço negativo aquilo que para (1) seria positivo, e vice-versa: em (3), doação = negativo; em (1), doação = positivo, mas principalmente porque foi possível, na estrutura superficial do provérbio parodiado, ressignificar o verbo *dar*, mudando o destinatário do empréstimo. Portanto, (3) compreende o provérbio original ao seu modo, dentro de suas possibilidades discursivas e semânticas.

Voltando ao que diz Bergson sobre o riso, o pobre serve como objeto de riso em (3) porque é rebaixado socialmente em sua impossibilidade de pagar o empréstimo, o que de fato não configura um erro, mas algo que é passível de riso. Nesse mesmo sentido, Maingueneau diz que “polemizar é, sobretudo, apanhar publicamente em erro, colocar o adversário em situação de infração em relação a uma Lei que se impõe como incontestável” (id.: 114). Assim, ao instaurar a polêmica, (3) ressalta algo não dito por (1): a impossibilidade do pagamento. Esse seria o erro, na concepção de (3), a ser ressaltado do discurso Outro.

O que torna ainda mais interessante esse contato entre discursos é que esse erro só é erro na concepção do discurso de (3). São as restrições desse discurso<sup>4</sup> que o permitem ver um erro no discurso do provérbio original. É dessa maneira que devemos focar a heterogeneidade aqui, observando de que maneira a alteridade é lida pelo discurso Mesmo (o do provérbio parodiado). É por construir um simulacro, uma imagem distorcida do Outro que o discurso de (3) vê um erro no discurso de (1).

Se nos reportarmos a outros textos humorísticos, veremos que a questão da construção de um simulacro é bastante recorrente. Possenti, defendendo que as piadas quase sempre constroem um estereótipo daquilo que é seu tema, diz, ao analisar algumas piadas sobre gaúchos, que:

*No caso dessas piadas, funciona exemplarmente a mais conhecida estratégia discursiva responsável pela emergência de piadas. Tal estratégia consiste em opor a um discurso público e positivo (no caso, a da propalada macheza do gaúcho) um discurso “subterrâneo”, de certa forma reprimido, contrário ao anterior (no caso o da suposta veadice do gaúcho). Assim, se no discurso público – das músicas, das conversas do dia-a-dia, das narrativas, das trovas – se constrói e cultiva uma imagem do gaúcho macho, as piadas o representarão da forma inversa mais direta e picante: ele não será franzino ou medroso, outras tantas formas opostas à macheza, mas homossexual passivo. (2002: 161)*

De fato, o que ocorre em (3) é algo parecido com o que ocorre com as piadas sobre gaúchos, loiras, mineiros, portugueses, negros, homossexuais, etc.: ressalta-se um ponto negativo (às vezes, ou muitas vezes, irreal), que contraria uma visão positiva sobre o assunto. Nesse enunciado o ponto negativo relaciona-se ao ato da doação ao pobre – pelo fato de ele não poder pagar, não é interessante *dar* –, o que jamais seria associado a ele no discurso Outro, justamente porque é um traço semântico negativo para o discurso religioso de que faz parte a versão original do provérbio, ou seja, não é possível, e não é importante, para o discurso religioso, projetar uma imagem da doação ao pobre como aquela propalada por (3).

Nesse enunciado (3) há uma contraposição mais direta a (1), que é tomado justamente para uma constituição polêmica de significação. Não é o que ocorre, como vimos, em (2). Nesse enunciado também há a construção de um simulacro, porém da imagem sexual da mulher, que só é possível porque é produzido por um discurso dito machista, que também não consegue produzir nada além de simulacro do outro sexo, pois suas restrições semânticas não permitem. Dessa forma, para um discurso como o presente em (2), sempre que houver a figura da mulher, ela sempre terá um traço de inferioridade ao homem. No discurso de (3), sempre que houver a presença da figura do pobre, a matriz semântica desse discurso o fará relacionar o pobre com um possível calote.

O que diferencia (2) de (3), nesse aspecto, é que o primeiro utiliza um provérbio conhecido para falar de um outro tema que não aquele do provérbio, enquanto que o segundo utiliza esse provérbio para falar do mesmo tema. O que de fato é um fator estranho a (1) é que (2) trata a sexualidade de uma maneira mais crua, sem rodeios, como dissemos acima, algo que não seria possível para o discurso religioso de que faz parte o provérbio original, por conta, também, das restrições semânticas que operam nesse discurso acerca do sexo.

Enfim, a construção de simulacros parece bastante fértil nos textos humorísticos, principalmente naqueles que tematizam tipos, etnias, culturas e povos diferentes. Isso não é diferente nos provérbios parodiados. É a partir da construção de simulacros que se abre a possibilidade do riso, também porque normalmente os simulacros são aceitos ou facilmente reconhecidos pela sociedade.

## Notas

<sup>1</sup> Denominamos os enunciados que estudaremos nesse trabalho por provérbios parodiados, por entender que se tratam de paródias (conceito difundido principalmente pela crítica literária, é utilizado para definir um certo tipo de texto que assume um significado antagônico a outro, configura-se como um fenômeno intertextual, pois o significado da paródia está atrelado ao outro texto, ver *Sant'Anna, 1995*) de provérbios. É o caso, por exemplo, de *em casa de ferreiro, só tem ferro*, cujo significado está atrelado ao provérbio *em casa de ferreiro, o espeto é de pau*.

<sup>2</sup> (3) é homofônico a (1), necessitando, para fazer sentido, de recursos entonacionais ou mesmo deverbais, na língua oral. Isso se deve ao fato de que esse exemplo fora recolhido de uma camiseta cuja estampa era o PP de que estamos falando, portanto, na escrita é mais fácil o reconhecimento da mudança estrutural e conseqüentemente da significação e obviamente de que não se trata do mesmo provérbio. Nesse aspecto, (3) diferencia-se bastante de (2), que muda completamente a segunda parte de (1) (em (2) não há nenhum tipo de homofonia). De fato, (3) difere-se inclusive de outros provérbios parodiados a que tivemos acesso. A modificação estrutural nos PPs segue normalmente um padrão: a segunda parte do provérbio é modificada, permanecendo, quase sempre intacta a sua parte inicial, como nos PPs *em casa de ferreiro só tem ferro; gato escaldado morre; Depois da tempestade vem a gripe*, etc. Obviamente, é isso que ocorre em (3), mas o que o difere dos demais é a homofonia.

<sup>3</sup> Normalmente a característica ressaltada nesse tipo de texto é falsa, funcionando como estereótipo, no entanto, não deixa de ser vista como algo condenável. É o que ocorre, por exemplo, com as piadas racistas sobre negros, nas quais ressalta-se pseudocaracterísticas (como sujeira, falta de caráter, não-humanidade, etc.), que são levadas às últimas conseqüências no ato de denegrir a imagem de tal etnia. Outro exemplo bastante comum: as piadas sobre portugueses, nas quais se ressalta a pseudocaracterística da “burrice” dos portugueses para denegrir tal povo.

<sup>4</sup> Ver a esse respeito o segundo capítulo (“Uma competência discursiva”) de Maingueneau, 2005.

## Referências:

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. “Heterogeneidades Enunciativas”, *Cadernos de Estudos Lingüísticos 19*, Campinas, Iel, Unicamp, 1990
- BERGSON, Henri. *O Riso*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- FREUD, Sigmund. “Os Propósitos dos chistes” in: FREUD, S. *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- GREIMAS, Algirdas Julien. “Os Provérbios e os Ditados” in \_\_\_\_\_. *Sobre o Sentido Ensaio Semiótico*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- GRÉSILLON, Almuth e MAINGUENEAU, Dominique. “Polyphonie, Proverbe et Détournement”, *Langages 73*, pp 112 – 125. Paris, 1984.

- 
- MAGALHÃES Jr, Raimundo. *Dicionário Brasileiro de Provérbios, Locuções e Ditos Curiosos*. Rio de Janeiro, Documentário, 1977.
- MAINGUENEAU, Dominique. “Do provérbio à Ironia – polifonia, captação e subversão” in \_\_\_\_\_. *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo, Cortez 2002.
- \_\_\_\_\_. *Gênese dos Discursos*. Curitiba, Criar, 2005.
- POSSENTI, Sírio. *Os Limites do Discurso*. Curitiba, Criar, 2002.
- ROCHA, Regina. *A Enunciação dos Provérbios*. São Paulo, Annablume, 1995.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Paródia Paráfrase e Cia*. São Paulo, Ática, 1995.